

Sermão do Nascimento da Virgem Maria do Padre António Vieira

Debaixo da invocação de N. Senhora da Luz, título da Igreja e colégio da Companhia de Jesus, na cidade de S. Luís do Maranhão. Ano de 1657.

*De qua natus est Jesus.*¹

I

Por que no dia do nascimento da Virgem nos propõe a Igreja o Evangelho do nascimento de Cristo? O sol nasce duas vezes; quando aparece a luz e quando aparece o astro. Desse modo é que se deve interpretar o que dizem os evangelistas e o Génesis. Quem é o sol duas vezes nascido? É Cristo, que nasceu quando nasceu Maria em Nazaré, e quando ele próprio nasceu em Belém.

Celebramos hoje o nascimento; mas que nascimento celebramos? Se o perguntarmos à Igreja, responde que o nascimento de Maria; se consultarmos o Evangelho, lemos nele o nascimento de Jesus: *De qua natus est Jesus*. Assim temos encontrados nas mesmas palavras que propus, o texto com o mistério, o tema com o sermão, e um nascimento com outro. Se a Igreja celebrara neste dia o nascimento glorioso de Cristo, muito acomodado Evangelho nos mandava ler; mas o dia e o nascimento que festejamos não é o do Filho, é o da Mãe. Pois se ainda hoje nasce a Mãe, como nos mostra já a Igreja e o Evangelho não a Mãe, senão o Filho nascido: *De qua natus est Jesus?* Só no dia de Nossa Senhora da Luz se pudera responder cabalmente a esta dúvida. O sol, se bem advertirdes, tem dois nascimentos: um nascimento com que nasce quando nasce, e outro nascimento com que nasce antes de nascer. Aquela primeira luz da manhã que apaga ou acende as sombras da noite, cuja luz é? É luz do sol. E esse sol então esta já nascido? Não e sim. Não, porque ainda não está nascido em si mesmo. Sim, porque já está nascido na sua luz. De sorte que naturalmente vêm os nossos olhos ao sol duas vezes nascido: nascido quando nasce, e nascido antes de nascer.

Grande prova temos desta filosofia na mesma história evangélica, e é um dos mais aparentes encontros que se acham em toda ela. Partiram as Marias ao sepulcro na manhã do terceiro dia, e referindo o evangelista S. Marcos a hora a que chegaram, diz assim: *Valde mane una subbatorum veniunt ad monumentum orto jam sole*: Ao domingo muito de madrugada chegaram ao sepulcro sendo já o sol nascido (Mc 16, 2). Notável dizer! Se era já o sol nascido: *Orto jam sole*, como era muito de madrugada: *Valde mane*? E se era muito de madrugada; *Valde mane*, como era já o sol nascido: *Orto jam sole*? Tudo era e tudo podia ser, diz S. Agostinho, porque era o sol nascido antes de nascer². Ora vede. O tempo em que vieram as Marias ao sepulcro era muito de madrugada: *Valde mane*, diz S. Marcos; *Valde diluculo*, diz S. Lucas. (Lc 24, 2). Era muito de madrugada: *Valde mane*? Logo já havia alguma luz que isso quer dizer *diluculo*. Havia luz? Logo, já

¹ Da qual nasceu Jesus (Mt 1, 16).

² Aug. Lib. III de cons. Evang. c. 24.

o sol estava nascido: *Orto jam sole*. Provo a consequência, porque o sol, como dizíamos, tem dois nascimentos: um nascimento quando vem arraiando aquela primeira luz da manhã a que chamamos aurora; outro nascimento quando o sol descobre, ou acaba de desaparecer em si mesmo. E como o sol não só nasce quando nasce em si mesmo, senão também quando nasce na sua luz, por isso disse o evangelista com toda a verdade, que era de madrugada e que era o sol nascido.

Nenhuma destas palavras é minha: todas são da glosa de Lirano seguindo a S. Agostinho: *Valde mane, orto jam sole: Sol enim potest oriri dupliciter: uno modo perfecte, quando primo egreditur et apparet super terram; alio modo, quando lux ejus incipit apparere, scilicet in aurora, et sic accipitur hic ortus solis*³. Não o podia dizer mais em português. De maneira que àquela primeira luz com que se rompem as trevas da noite, chamou S. Marcos nascimento do sol, porque em todo o rigor da verdade evangélica, não só nasce o sol quando nasce em si mesmo, senão quando nasce na sua luz. Um nascimento do sol é quando nasce em si mesmo e aparece sobre a terra: *Quando primo egreditur et apparet super terram*: o outro nascimento é antes de nascer em si mesmo, quando nasce e aparece a sua luz: *Quando lux ejus incipit apparere*. É o que estamos vendo neste dia, e o que nos está pregando a Igreja neste Evangelho. O dia mostra-nos nascida a luz, o Evangelho mostra-nos nascido o sol, e tudo é. Não é o dia em que o sol apareceu nascido sobre a terra: *Quando primo egreditur et apparet super terram*, mas é o dia em que aparece nascido na luz da sua aurora: *Quando lux ejus incipit apparere, scilicet in aurora*: porque, se o sol não está ainda nascido em si mesmo, já está nascido na luz de que há de nascer: *De qua natus est Jesus*.

Estava dito. Mas por que parecerá novidade dar dois nascimentos e dois dias de nascimentos a Cristo, saibam os curiosos que não é novidade nova senão mui antiga, e uma das mais bem retratadas verdades que o Criador do mundo nos pintou no princípio dele. No primeiro dia do mundo criou Deus a luz, no quarto dia criou o sol. Sobre estes dois dias e estas duas criações há grande batalha entre os doutores, porque se o sol é a fonte da luz, que luz é esta que foi criada antes do sol? Ou é a mesma luz do sol, ou é outra luz diferente? Se é a mesma, por que não foi criada no mesmo dia? E se é diferente, que luz é, ou que luz pode haver diferente da luz do sol? Santo Tomás, e com ele o sentir mais comum dos teólogos, resolve que a luz que Deus criou o primeiro dia, foi a mesma luz de que formou o sol ao dia quarto. De modo que em ambos estes dias e em ambas estas criações foi criado o sol. No primeiro dia foi criado o sol informe; no quarto dia foi criado o sol formado. São os termos de que usa Santo Tomás. No primeiro dia foi criado o sol informe, porque foi criado em forma de luz; no quarto dia foi criado o sol formado, porque foi criado em forma de sol⁴. Em conclusão, que entre todas as criaturas só o sol teve dois dias de nascimento: o primeiro dia e o quarto dia. O quarto dia em que nasceu em si mesmo, e o primeiro em que nasceu na sua luz. O quarto dia em que nasceu sol formado, e o primeiro em que nasceu na luz de que se formou. Pode haver propriedade mais própria? Agora pergunto eu, se alguém me não entendeu ainda: quem é este sol duas vezes nascido? E quem é esta luz de que se formou este sol? O sol é Jesus, a luz é Maria, diz Alberto Magno. E não era necessário que ele o dissesse. Assim como o sol nasceu duas vezes, e teve dois dias de nascimento; assim como o sol nasceu uma vez quando nascido e outra antes de nascer; assim como o sol uma vez nasceu em si mesmo, e outra na sua luz; assim, nem mais nem menos, o sol

³ Porque o sol pode nascer de duplo modo : de modo perfeito, quando nasce e aparece sobre a terra, e de outro modo, quando sua luz começa a aparecer com a aurora, e neste sentido é aqui tomado o nascimento do sol.

⁴ D. Thom. q. 67 art. 4 et q. 70 art. 2 ad 3 sequuntur Dion. Areop. c. 4 de Div. Nom. Suar. de Op. sex Dier. L. 2 c. 8 et alii.

Divino, Cristo, nasceu duas vezes e teve dois dias de nascimento. Um dia em que nasceu em Belém, outro em que nasceu em Nazaré. Um dia em que nasceu quando nascido, que foi em vinte e cinco de dezembro, e outro dia em que nasceu antes de nascer, que foi neste venturoso dia. Um dia em que nasceu de sua Mãe, outro dia em que nasceu com ela. Um dia em que nasceu em si mesmo, outro dia em que nasceu naquela de quem nasceu: *De qua natus est Jesus*.

Temos introduzido e concordado o Evangelho, que não é a menor dificuldade deste dia. Para satisfazermos à segunda obrigação, que não é senão a primeira, peçamos à Senhora da Luz nos comunique um raio da sua. Ave Maria.

II

Razões por que devemos festejar este dia antes por nascimento da luz que por nascimento do sol. Cristo sol de justiça, e a Senhora da Luz, Mãe de misericórdia.

De qua natus est Jesus. Suposto que temos neste *natus* do Evangelho dois nascidos, e nesse nascimento dois nascimentos: o nascimento da luz, Maria, nascida em si mesma, e o nascimento do sol, Cristo, nascido na sua luz, qual destes nascimentos faz mais alegre este dia? E por qual deles o devemos mais festejar? Por dia do nascimento da luz, ou por dia do nascimento do sol? Com licença do mesmo sol, ou com lisonja sua, digo que por dia do nascimento da luz. E por que? Não por uma razão, nem por duas, senão por muitas. Só quatro apontarei, porque desejo ser breve. Primeira razão: porque a luz é mais privilegiada que o sol. Segunda: porque é mais benigna. Terceira: porque é mais universal. Quarta: porque é mais apressada para nosso bem. Por todos estes títulos é mais para festejar este dia por dia do nascimento da luz, que por dia, ou por véspera, do nascimento do sol.

Mas porque este sol e esta luz, entre os quais havemos de fazer a comparação, parecem extremos incomparáveis, como verdadeiramente é incomparável Cristo sobre todas as puras criaturas, entrando também neste número sua mesma mãe, antes que eu comece a me desempenhar deste grande assunto, ou a empenhar-me nele, declaro que em tudo o que disser, procede a comparação entre Cristo como Sol de justiça, e a Senhora da luz, como Mãe de misericórdia, e que assim como os efeitos da luz se referem à primeira fonte dela, que é o sol, assim todos os que obra a Senhora em nosso favor, são nascidos e derivados do mesmo Cristo, cuja bondade e providência ordenou que todos passassem e se nos comunicassem por mão de sua Mãe, como advogada e medianeira nossa, e dispensadora universal de suas graças. Assim o supõe com S. Bernardo a mais pia e bem recebida teologia: *Nihil Deus nos habere voluit, quod per manus Mariae non transisset*⁵. Isto posto:

III

Primeira razão: a luz é mais privilegiada que o sol. A luz, e não o sol, é a chave que abre as portas do dia. O dia é filho da luz e não do sol. O papel importante da luz na criação do mundo. O nascimento da Virgem e a criação da luz.

⁵ É vontade de Deus que nada tenhamos senão pelas mãos de Maria.

Começando pelo primeiro título, de ser a luz mais privilegiada, digo que é mais privilegiada a luz que o sol, porque o dia, que é a vida e a formosura do mundo, não o faz o nascimento do sol, senão o nascimento da luz. É advertência de Santo Ambrósio, e advertência que quis o grande doutor que soubéssemos que era sua: *Advertimus quod lucis ortus, antequam solis, diem videatur aperire*: Tenho advertido, diz Santo Ambrósio, que o primeiro abre e faz o dia, é o nascimento da luz, e não o do sol (6). Está esta grande máquina e variedade do universo coberta de trevas, está o mundo todo fechado no cárcere da noite, e qual é a chave que abre as portas ao dia? O sol? Não, senão a luz, porque ao aparecer do sol, já o mundo está patente e descoberto: *Diem sol clarificat, lux facit*: O sol faz o dia mais claro, mas a luz é a que faz o dia. E se não, vede, diz o santo: *Frequenter coelum nubibus textitur, ut sol tegatur, nec ullus radius ejus appareat; lux tamen diem demonstrat*: Quantas vezes acontece forrar-se o céu de nuvens espessas, com que não aparece o sol, nem o menor de seus raios, e contudo, ainda que não vemos o sol, vemos o dia. Por que? Porque no-lo mostra a luz. Bem se segue logo que o dia, tão necessário e tão proveitoso ao mundo, é filho da luz, e não filho do sol.

Parece que tem alguma coisa de sofisticado este discurso de Santo Ambrósio, porque sendo a luz efeito do sol, quem faz a luz faz o dia. Assim parece, mas não é assim. E quero dar uma prova valente a uma razão que parece fraca. Noutras ocasiões declaramos a Escritura com o santo; agora declaramos o santo com a Escritura. Diz Santo Ambrósio que o dia é filho da luz, e não do sol. Provo e pergunto: O sol, em que dia o criou Deus? Diz a Sagrada Escritura que criou Deus o sol ao dia quarto: *Luminare majus, ut praeesset diei; et factum est dies quartus* (Gén 1, 16, 19). Deus criou o sol ao dia quarto? Logo, antes de haver sol já havia dias. Antes de haver sol já havia dias? Logo o dia não é filho do sol. Pois de quem é filho? É filho da luz. O mesmo texto sagrado: *In principio creavit Deus caelum et terram* (Gén 1, 1): No princípio, antes de haver dia nem noite, nem tempo, criou Deus o céu e a terra. *Et tenebrae erant super faciem abyssi*: E o mundo todo estava sepultado em um abismo de trevas. *Dixitque Deus, fiat lux, et facta est lux*: Disse Deus, faça-se a luz, e foi feita a luz. *Appellavitque lucem diem, et tenebras noctem: et factus est dies unus*: E chamou Deus à luz dia, e às trevas noite, deste modo se fez o primeiro dia que houve no mundo (Gén 1, 2, 3, 5). De maneira, como bem dizia Santo Ambrósio, que o dia é filho da luz e não do sol; ao nascimento da luz e não ao do sol deve o mundo o benefício do dia. O tempo ditosíssimo da lei da graça em que estamos é o dia do mundo; o tempo da lei da natureza e da lei escrita, que já passou, foi a noite. Assim o diz S. Paulo: *Nox praecessit, dies autem appropinquavit*⁶. E quem foi a aurora que amanheceu ao mundo este dia tão alegre, tão salutífero e tão vital, senão aquela luz divina? O sol fez o dia mais claro, mas a luz, a que rompeu as trevas, a luz foi a que venceu e despojou a noite, a luz foi a que fez o dia: *Diem sol clarificat, lux facit*. Grande privilégio da luz sobre o sol, que ela e não ele, ou ao menos, que ela primeiro que ele, seja a autora do dia.

Mas eu, sem me sair do mesmo passo, ainda hei de dizer outro privilégio maior da mesma luz. Criou Deus a luz três dias antes de criar o sol. Tanto que houve sol no mundo, logo houve também olhos que o vissem e que gozassem de seus resplendores, porque o sol foi criado ao quarto dia, e as aves e os peixes ao quinto; os animais da terra e os homens ao sexto. De sorte que, como notou S. Basílio, todos os três dias em que a luz esteve criada antes da criação do sol, não havia olhos no mundo⁷. Pois se não havia olhos no mundo, para que criou Deus a luz? Que crie Deus o sol ao quarto dia, bem está; porque no quinto e no sexto dia havia de criar os olhos de todos os viventes; mas

⁶ A noite passou, e o dia vem chegando (Rom 13,12).

⁷ D. Basil. in Hexameron.

se no segundo, no terceiro e no quarto dia não houve nem havia de haver olhos, por que cria Deus a luz no primeiro? Porque o sol criou-o Deus para os olhos dos homens e dos animais; a luz criou-a Deus para os seus olhos. E assim foi. *Fiat lux; et facta est lux, et vidit Deus lucem quod esset bona* (Gén 1, 4): Disse Deus: Faça-se a luz, e fez-se a luz; e no mesmo ponto que nasceu e apareceu a luz, logo foi o emprego e suspensão dos olhos de Deus: *Vidit Deus lucem*. Digo emprego e suspensão porque quando Deus criou a luz, já estava criado o céu, a terra, os elementos, os anjos, e nada disto levou após si os olhos de Deus, senão a luz. Ela encheu os olhos de Deus de maneira que sendo os olhos de Deus imensos, parece que não deixou neles lugar para os pôr noutra coisa. Assim era a luz criada para os olhos de Deus, como o sol para os dos homens e dos animais.

Não cuideis que digo injúrias ao Sol Encarnado, que assim quis Ele que fosse. Aparece no mundo o sol encarnado, Cristo, e que olhos o viram nascido? Olhos de homens e olhos de animais. Para o verem nascido olhos de animais, ele mesmo foi buscar os animais a um presépio, e para o verem nascido olhos de homens, ele os mandou buscar por uma estrela entre os reis, e por um anjo entre os pastores. Os homens, pelo pecado, estavam convertidos em animais: *Homo, cum in honore esset non intellexit; comparatus est jumentis* ⁸. Por isso se mostra o sol nascido aos olhos dos homens e dos animais porque nascia para fazer de animais homens. Porém a luz, como nascia para Mãe de Deus, oculta-se a todos os olhos criados, e só nasce manifesta aos divinos: *Vidit Deus lucem*. Os olhos de Deus foram os que festejaram o nascimento desta soberana luz, e festejaram-na aqueles três dias em que não houve sol, nem outros olhos, porque tomou cada pessoa da Santíssima Trindade um dia da festa por sua conta: *Ipse est enim lux, quae primam distinxit dierum nostrorum trinitatem*, disse S. Dionísio Areopagita ⁹. Os olhos do Padre festejaram o nascimento da luz o primeiro dia: *Et vidit Deus lucem, quod esset bona*: E viu Deus Padre que a luz era boa para filha. Os olhos do Filho festejaram o nascimento da luz o segundo dia: *Et vidit Deus lucem, quod esset bona*: E viu Deus Filho que a luz era boa para Mãe. Os olhos do Espírito Santo festejaram o nascimento da luz o terceiro dia: *Et vidit Deus lucem quod esset bona*: E viu Deus Espírito Santo que a luz era boa para Esposa. Assim festejou toda a Santíssima Trindade o nascimento daquela soberana luz, e assim o devemos festejar nós. Ponde os olhos, cristãos, naquela luz, e pedi-lhe que os ponha em vós e vereis como é boa para tudo: *Vidit lucem quod esset bona*. Boa para a consolação, se estiveres afligido; boa para o remédio, se estiveres necessitado; boa para a saúde, se estiveres enfermo; boa para a vitória, se estiveres tentado; e se estiveres caído e fora da graça de Deus, boa, e só ela boa, para vos conciliar com ele. Tão cheia de privilégios de Deus nasce hoje esta luz de quem ele há de nascer! *De qua natus est Jesus*.

IV

Segunda razão: a luz é mais benigna que o sol. O sol e a nuvem que guiava os filhos de Israel pelo deserto. Os rigores do sol da justiça e as benignidades da luz. O nascimento de Maria é a passagem do sol do signo do Leão para o signo da Virgem. Maria e a sarça ardente do deserto. S. João, o novo signo celeste é a humanização do sol.

O segundo título por que se deve mais festejar o dia deste nascimento é por ser a luz mais benigna. É a luz mais benigna que o sol, porque o sol alumia, mas abrasa; a luz

⁸ O homem, quando estava na honra, não o entendeu; foi comparado aos brutos irracionais (Sl 48,13).

⁹ D. Dionys. Areopag. de D. nomim. Cap. 4.

alumia e não ofende. Quereis ver a diferença da luz ao sol? Olhai para o mesmo sol e para a mesma luz de que ele nasce, a aurora. A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia das aves, a vida e alento do mundo. Começa a sair e a crescer o sol, eis o gesto agradável do mundo e a composição da mesma natureza toda mudada. O céu acende-se, os campos secam-se, as flores murcham-se, as aves emudecem, os animais buscam as covas, os homens as sombras. E se Deus não cortara a carreira ao sol, com a interposição da noite, fervera e abrasara-se a terra, arderam as plantas, secaram-se os rios, sumiram-se as fontes, e foram verdadeiros e não fabulosos os incêndios de Faetonte. A razão natural desta diferença é porque o sol, como dizem os filósofos, ou verdadeiramente é fogo, ou de natureza mui semelhante ao fogo, elemento terrível, bravo, indómito, abrasador, executivo, e consumidor de tudo. Pelo contrário, a luz em sua pureza, é uma qualidade branda, suave, amiga, enfim, criada para companheira e instrumento da vista, sem ofensa dos olhos, que são em toda a organização do corpo humano a parte mais humana, mais delicada e mais mimosa. Filósofos houve que pela subtileza e facilidade da luz, chegaram a cuidar que era espírito e não corpo. Mas porque a filosofia humana ainda não tem alcançado perfeitamente a diferença da luz ao sol, valhamo-nos da ciência dos anjos.

Aquele anjo visível que guiava os filhos de Israel pelo deserto, diz o texto, que marchava com duas colunas de prodigiosa grandeza, uma de nuvem de dia, e outra de fogo de noite: *Per diem in columna nubis, per noctem in columna ignis* (Êx 13, 21). E por que e para que levava o anjo estas duas colunas de nuvem e fogo? A de nuvem, para reparo do sol, a de fogo, para continuação da luz. Tanto que anoitecia, acendia o anjo a coluna de fogo sobre os arraiais, para que tivessem sempre luz. E tanto que amanhecia, atravessava o anjo a coluna de nuvem, para que ficassem reparados e defendidos do sol. De maneira que todo o cuidado do anjo sobre os seus encomendados consistia em dois pontos: o primeiro, que nunca lhes tocasse o sol; o segundo, que nunca lhes faltasse a luz. Tão benignas qualidades reconhecia o anjo na luz, e tão rigorosas no sol.

Estas são as propriedades rigorosas e benignas do sol e da luz natural. E as mesmas, se bem o considerarmos, acharemos no Sol e na Luz divina. Cristo é sol, mas sol de justiça, como lhe chamou o profeta: *Sol justitiae* (Mal 4, 2). E que muito que no sol haja raios e na justiça rigores? Todos os rigores que tem obrado no mundo o sol natural, tantas secas, tantas esterilidades, tantas sedes, tantas fomes, tantas doenças, tantas pestes, tantas mortandades, tudo foram execuções do sol de justiça, o qual as fez ainda maiores. O sol material nunca queimou cidades, e o sol de justiça queimou e abrasou em um dia as cinco cidades de Pentápolis inteiras, sem deixar homem à vida, nem dos mesmos edifícios e pedras mais que as cinzas. Tais são os rigores daquele sol divino. Mas a benignidade da luz que hoje nasce, e de que ele nasceu, como a poderei eu explicar? Muitas e grandes coisas pudera dizer desta soberana benignidade, mas direi só uma que vale por todas. É tão benigna aquela divina luz, que sendo tão rigorosos e tão terríveis os raios do divino sol, ela só basta para os abrandar e fazer também benignos.

Por que vos parece que nasce a Virgem Maria em tal dia como hoje? Se o dia do nascimento de Cristo foi misterioso, e misterioso o dia do nascimento do Baptista, por ser o precursor de Cristo, quanto mais o dia da Mãe de Cristo? Pois que mistério tem nascer a Senhora neste dia? Muito grande mistério. O mistério do dia do nascimento de Cristo, como notou Santo Agostinho, foi porque naquele tempo volta o sol para nós, e começam os dias a crescer. O mistério do dia do nascimento do Baptista foi porque naquele tempo se aparta o sol de nós, e começam os dias a diminuir. E o mistério do dia do nascimento da Senhora é porque neste tempo passa o sol do signo do Leão para o signo da Virgem, e começa o mesmo sol a abrandar. O caminho do sol é pelos doze

signos celestes, em que tem diferentes efeitos, conforme a constelação e qualidades de cada um. Quando o sol anda no signo de Leão, como se tomara a natureza daquele animal colérico e assanhado, tais são os seus efeitos: calores, securas, enfermidades malignas, tresvarios, sangue, mortes. Porém tanto que o sol passa do signo do Leão ao signo de Virgem, já o Leão começa a abrandar, já vai manso, já vai pacífico, já vai cordeiro. O mesmo sucedeu aos rigores do nosso sol. Lede o Testamento Velho, e achareis que Deus antigamente afogava exércitos, queimava cidades, alagava mundos, despovoava paraísos. E hoje, sendo os pecados dignos de maior castigo pela circunstância do tempo, da fé e dos benefícios, não se vêem em Deus semelhantes rigores. Pois por que, se Deus é o mesmo, e a sua justiça a mesma? Porque então estava o sol no signo do Leão; agora está no signo de Virgem. Como o sol entrou no signo de Virgem, logo aquela benigna luz lhe amansou os rigores, lhe embargou as execuções, e lhe temperou de tal maneira os raios, que ao mesmo fogo abrasador de que eram compostos, lhe tirou as actividades com que queimava e só lhe deixou os resplendores com que luzia. Grande caso, mas provado!

Vê Moisés no deserto uma sarça que ardia em fogo, e não se queimava (Êx 3, 3) . Pasma da visão, parte a vê-la de mais perto, e quanto mais caminha e vê, tanto mais pasma. - Ser fogo, o que estou vendo, não há dúvida; aquela luz intensa, aquelas chamas vivas, aquelas labaredas ardentes, de fogo são; mas a sarça não se consome, a sarça está inteira, a sarça está verde. Que maravilha é esta? Grande maravilha para quem não conhecia o fogo nem a sarça, mas para quem sabe que o fogo era Deus, e a sarça Maria, ainda era maravilha maior, ou não era maravilha. O fogo era Deus que vinha libertar o povo. Assim diz o texto. A sarça era Maria, em quem Deus tomou forma visível, quando veio libertar o género humano. Assim o diz S. Jerónimo, Santo Atanásio, S. Basílio, e a mesma Igreja ¹⁰. Como o fogo estava na sarça, como Deus estava em Maria, já o seu fogo não tinha actividades para queimar. Luzir sim, resplender sim, que são efeitos de luz; mas queimar, abrasar, consumir, que são efeitos de fogo, isso não, que já lhos tirou Maria. Já Maria despontou os raios do sol; por isso luzem, e não ferem, ardem e não queimam, resplandecem e não abrasam. Parece-vos maravilha que assim abrandasse aquela benigna luz os rigores do sol? Parece-vos grande maravilha que assim lhe apagasse o fogo e abrasado, e lhe deixasse só o resplandescente e luminoso? Pois ainda fez mais.

Não só abrandou, ou apagou no sol os rigores do fogo, senão também os rigores da luz. O sol não é só rigoroso e terrível no fogo com que abrasa, senão também na luz com que alumia. Em aparecendo no Oriente os primeiros raios do sol, como se foram archeiros da guarda do grande rei dos planetas, vereis como vão diante fazendo praça, e como em um momento alimpam o campo do céu, sem guardar respeito nem perdoar a coisa luzente. O vulgo das estrelas, que andavam como espalhadas na confiança da noite, as pequeninas somem se, as maiores retiram-se, todas fogem, todas se escondem, sem haver nenhuma, por maior luzeiro que seja, que se atreva a parar nem a aparecer diante do sol descoberto. Vedes esta majestade severa? Vedes este rigor da luz do sol, com que nada lhe pára, com que tudo escurece em sua presença? Ora, deixai-o vir ao signo de Virgem, e vereis como essa mesma luz fica benigna e tratável.

Viu S. João no Apocalipse um novo signo celeste: *Signum magnum apparuit in caelo* (Apc 12,1). Era uma mulher vestida do sol, calçada da lua e coroada de estrelas: *Mulier amicta sole, luna sub pedibus ejus, et in capite ejus corona stellarum duodecim* (Ibid). Não reparo no sol e na lua; no sol e nas estrelas reparo. Calçada da lua, e vestida de sol, bem pode ser, porque diante do sol também aparece a lua. Mas vestida de sol, e

¹⁰ Hiero. Athan. Basil.

coroada de estrelas? Sol e estrelas juntamente? Não é possível, como acabamos de ver. Pois se na presença do sol fogem e desaparecem as estrelas, e o sol estava presente, e tão presente no vestido da mesma mulher, como apareciam nem podiam aparecer as estrelas da coroa? Aí vereis quão mudado está o sol depois que vestiu uma mulher, ou depois que uma mulher o vestiu a ele ¹¹! Este signo em que o sol apareceu a S. João, era o signo de Virgem: *Signum magnum apparuit in caelo: Mulier amicta sole*. E depois que o sol entrou no signo de Virgem, depois que o sol se humanou nas entranhas da Virgem Maria, logo os seus raios não foram temerosos, logo a sua majestade não foi terrível, logo a grandeza de soberania da sua mesma luz foi tão benigna que já não fogem nem se escondem dela as estrelas, antes lhes consente que possam luzir e brilhar em sua presença. Assim amansou aquela luz divina o sol, noutra tempo tão severo, assim humanou a intolerável grandeza de sua luz, assim temperou e quebrou a fôrça de seus raios. Para que vejamos quanto se deve alegrar neste dia, e quanto deve festejar o nascimento desta benigna luz o género humano todo, e mais aqueles que mais têm ofendido o Sol. Quantas vezes havia de ter o Sol de justiça abrasado o mundo? Quantas havia de ter fulminado com os seus raios as rebeldias de nossas ingratidões, e as abominações de nossos vícios, se não fora pela benignidade daquela luz? Para isso nasceu e para isso nasce hoje: para o fazer humano antes de nascer, e para lhe atar as mãos e os braços depois de nascido: *De qua natus est Jesus*.

V

Terceira razão: a luz é mais universal; o sol é limitado no tempo e no lugar. Diversidades entre o sol material e o sol de justiça. O sol de justiça e as trevas do Egípto. O papa Inocêncio III e a comparação do Cântico dos Cânticos.

O terceiro título, por que se deve mais festejar o dia deste nascimento, é por ser a luz mais universal. É a luz mais universal que o sol porque o sol nunca alumia mais que meio mundo e meio tempo; a luz alumia em todo o tempo e a todo o mundo. O sol nunca alumia mais que meio mundo, porque quando amanhece para nós, anoitece para os nossos antípodas, e quando amanhece aos antípodas, anoitece para nós. E nunca alumia mais que meio tempo, porque das vinte e quatro horas do dia natural as doze assiste em um hemisfério, as doze no outro. Não assim a luz. A luz não tem limitação de tempo nem de lugar: sempre alumia, e sempre em toda parte, e sempre a todos. Onde está o sol, alumia com o sol, onde está a lua, alumia com a lua, e onde não há sol nem lua, alumia com as estrelas, mas sempre alumia. De sorte que não há parte do mundo, nem movimento de tempo, ou seja dia ou seja noite, em que, maior ou menor, não haja sempre luz. Tal foi a disposição de Deus no princípio do mundo. Ao sol limitou-lhe Deus a jurisdição no tempo e no lugar; à luz não lhe deu jurisdição limitada, senão absoluta para todo o lugar e para todo o tempo. Ao sol limitou-lhe Deus tempo, porque mandou que alumiasse o dia: *Luminare majus ut praeesset diei* (Gén 1, 16); e limitou-lhe lugar, porque só quis que andasse dentro dos trópicos de Câncer e Capricórnio, e que deles não saísse. Porém à luz, não lhe limitou tempo, porque mandou que alumiasse de dia por meio do sol, e de noite por meio da lua e das estrelas: *Luminare majus ut praeesset diei; luminare minus ut praeesset nocti, et stellas* (ibid). E não lhe pôs limitação de lugar, porque quis que alumiasse não só dentro dos trópicos, senão fora deles, como faz a luz, que dentro dos trópicos alumia por meio do sol e da lua, e fora

¹¹ Bern. Vestis eum, et vestiris ab eo.

dos trópicos por meio das estrelas, para que por este modo, de dia e de noite, no claro e no escuro, na presença e na ausência do sol, sempre houvesse luz como há.

Esta mesma diferença se acha na verdadeira luz e no verdadeiro sol, Cristo e sua mãe. Cristo é sol do mundo, mas sol que tem certo hemisfério, sol que tem seus antípodas, sol que quando nasce, nasce para alguns e não para todos. Assim o disse Deus por boca do profeta Malaquias: *Orietur vobis timentibus nomen meum sol justitiae* (Mal 4, 2): Nascerá o sol de justiça para vós, os que temeis o meu nome.- Fala o profeta não da graça da redenção, ou suficiente, que é universal para todos, senão da santificante e eficaz, de que muitos, por sua culpa, são excluídos, e por isso diz que o sol de justiça não nasce para todos, senão só para aqueles que o temem. Todo este mundo, tomado nesta consideração, se divide em dois hemisférios: um hemisfério dos que temem a Deus, outro hemisfério dos que o não temem. No hemisfério dos que temem a Deus, só nasce o sol da justiça, e só para eles há dia; só eles são alumados. No hemisfério dos que não temem a Deus, nunca jamais amanhece o sol; sempre há perpétua noite, todos estão em trevas e às escuras. Neste sentido chamou o profeta a este sol, sol de justiça: *Sol justitiae*. O sol material, se bem se considera, é sol sem justiça, porque trata a todos pela mesma forma, e tanto amanhece para os bons como para os maus: *Qui solem suum oriri facit super bonos et malos* (Mt 5, 45). É possível que tanto sol há de haver para o bom, como para o mau? Para o cristão, como para o infiel? Para o que adora a Deus, como para o que adora o ídolo? Tanto há de amanhecer o sol para o diligente, como para o preguiçoso? Tanto para o que lhe abre a janela, como para o que lhe fecha? Tanto para o lavrador que o espera, como para o ladrão que o aborrece? Notável injustiça do sol material! Não assim o Sol da Justiça. É Sol da Justiça porque trata a cada um conforme o que merece. Só para os bons amanhece, e para os maus esconde-se; só alumia aos que o temem, e aos que o não temem sempre os tem às escuras.

Parece coisa dificultosa que no mesmo hemisfério, na mesma cidade, e talvez na mesma casa estejam uns alumados e outros às escuras; mas assim passa, e já isto se viu com os olhos no mundo algum dia. Uma das pragas do Egipto foram as trevas. E descrevendo-as, o texto diz assim: *Factae sunt tenebrae horribiles in universa terra Aegypti. Nemo vidit fratrem suum, nec movit se de loco in quo erat; ubicumque autem habitabant filii Israel, lux erat* (Êx 10, 22 s): Houve em toda a terra do Egipto umas trevas tão horríveis, que nenhum egípcio via ao outro, e nenhum se podia mover do lugar onde estava; mas onde habitavam os hebreus, no mesmo tempo havia luz. – Brava maravilha! Em toda a terra do Egipto havia umas casas que só eram habitadas de egípcios, outras que eram habitadas de hebreus e de egípcios juntamente. Nas que eram habitadas de egípcios, todos estavam em trevas; nas que eram habitadas de hebreus, todos estavam em luz; nas que eram habitadas de hebreus e de egípcios juntamente, os hebreus estavam alumados, e os egípcios às escuras. Isto que fez no Egipto a vara de Moisés, faz em todo mundo a vara do Sol de Justiça. Muitas casas há no mundo em que todos são pecadores; algumas casas haverá em que todos sejam justos; outras há, e é o mais ordinário, em que uns são justos e outros pecadores. E com toda esta diversidade de casas e de homens, executa a vara do Sol de Justiça o que a de Moisés no Egipto. Na casa onde todos são justos, todos estão em luz; na casa onde todos são pecadores, todos estão em trevas; na casa onde há pecadores e justos, os justos estão alumados e os pecadores às escuras. De sorte que o Sol de Justiça, nesta consideração em que falamos, é sol tão particular e tão parcial, que não só no mundo tem diferentes hemisférios, mas até na mesma casa tem antípodas.

Não assim aquela luz que hoje nasce, que para todos e para todo o tempo, e para todo lugar é sempre luz. Viram os anjos nascer hoje aquela formosa luz, e admirados de

sua beleza disseram assim: *Quae est ista quae progreditur quasi aurora consurgens, pulchra ut luna, electa ut sol?* Quem é esta que nasce e aparece no mundo, diligente como a aurora, formosa como a lua, escolhida como o sol (Cânt 6, 9)? - À aurora, à lua e ao sol comparam os anjos esta senhora, e parece que dizem menos em três comparações do que diriam em uma. Se disseram só que era semelhante ao sol, diriam mais, porque de sol à lua é minguar, de sol à aurora é descer. Pois por que razão, que não podia ser sem grande razão, uns espíritos tão bem entendidos como os anjos, ajustam umas semelhanças tão desiguais, e comparam a Senhora quando nasce à aurora, à lua, e ao sol juntamente? Deu no mistério advertidamente o papa Inocêncio III. Comparam os anjos a Maria quando nasce, juntamente ao sol, à lua e à aurora, para mostrar que aquela Senhora é luz de todos os tempos. Todos os tempos ou são dia ou são noite, ou são aquela hora de luz duvidosa que há entre a noite e o dia. Ao dia alumia o sol, à noite alumia a lua, à hora entre noite e dia, alumia a aurora. Pois por isso chamam os anjos juntamente à Senhora aurora, lua e sol, para mostrarem que é luz que alumia em todos os tempos. Luz que alumia de dia, como sol; luz que alumia de noite, como lua; luz que alumia quando não é noite nem dia, como aurora. E que são ou que significam estes três tempos? Ouvi agora a Inocêncio: *Luna lucet in nocte, aurora in diluculo, sol in die. Nox autem est culpa, diluculum poenitentia, dies gratia*: A lua alumia de noite, e a noite é a culpa; a aurora alumia de madrugada, e a madrugada é a penitência; o sol alumia de dia, e o dia é a graça. – E para todos estes tempos, e para todos estes estados é Maria luz universal. Luz para os justos que estão em graça, luz para os pecadores que estão na culpa, e luz para os penitentes que querem passar da culpa à graça: *Qui ergo jacet in nocte culpa, respiciat lunam, deprecetur Mariam; qui surgit ad diluculum poenitentiae, respiciat auroram, deprecetur Mariam; qui vivit in dia gratiae, respiciat solem, deprecetur Mariam*: Pelo que, conclui exortando o grande pontífice, se sois pecador, se estais na noite do pecado, olhai para a lua, fazei oração a Maria para que vos alumie e vos tire da noite do pecado, para a madrugada da penitência. Se sois penitente, estais na madrugada do arrependimento, ponde os olhos na aurora, fazei oração a Maria, para que vos alumie e vos passe da madrugada da penitência ao dia da graça. Se sois justo, se estais no dia da graça, ponde os olhos no sol, fazei oração a Maria, para que vos sustente e vos aumente nesse dia, porque desse dia ditoso não há para onde passar.- Assim alumia aquela soberana luz universalmente a todos, sem excepção de tempo nem de estado, o Sol de justiça alumia só aos que o temem: *Timentibus nomen meum*; mas a Luz de misericórdia alumia aos que o temem, porque o temem, e aos que o não temem, para que o temam, e a todos alumia. O Sol de justiça nasce só para os justos, mas a Luz de misericórdia nasce para os justos e mais para os pecadores. E por este modo é mais universal para todos a luz que hoje nasce, do que o mesmo sol que dela nasceu: *De qua natus est Jesus*.

VI

Quarta e última razão: a diligência de Maria. Em Caná, ainda não era chegada a hora de Jesus e já era chegada a hora de Maria. A presteza de Cristo e de Maria declaradas por David e S. João. Maria e o sacramento do baptismo. A causa da perdição das cinco virgens néscias. Admoestação de Habacuc. Maria e a mãe de Jacob.

O quarto e último título por que se deve mais festejar este dia, é por ser a luz mais apressada para nosso bem. Ser mais apressada a luz que o sol, é verdade que vêem os olhos. Parte o sol do oriente e chega ao ocidente em doze horas. Aparece no oriente a

luz, e em um instante fere o ocidente oposto, e se dilata e se estende por todos os horizontes, alumando em um momento o mundo. O sol, como dizem os astrólogos, corre em cada hora trezentas e oitenta mil léguas. Grande correr! Mas toda esta pressa e ligeireza do sol, em comparação da luz, são vagares. O sol faz seu curso em horas, em dias, em anos, em séculos; a luz sempre em um instante. O sol, no inverno, parece que anda mais tardo no amanhecer, e no verão mais diligente, mas nunca se levanta tão cedo o sol, que não madrugue a luz muito diante dele. Ó luz divina, como vos pareceis nesta diligência à luz natural!

Foram convidados a umas bodas a luz e o sol: Cristo e Maria. Faltou no meio do convite aquele licor que noutra mesa, depois de o sol posto e antes de o sol se pôr, deu matéria a tão grandes mistérios. Quis a piedosa Mãe acudir à falta, falou ao Filho, mas respondeu o Senhor tão secamente como se negara sê-lo: *Quid mihi et tibi est mulier? Nondum venit hora mea* (Jo 2, 4): Que há de mim para ti, mulher? Ainda não chegou a minha hora. – Aqui reparo: esta hora não era de fazer bem? Não era de encobrir e acudir a uma falta? Não era de remediar uma necessidade? Pois como responde Cristo que não era chegada a sua hora? *Nondum venit hora mea?* E se não era chegada a sua hora, como trata a Senhora do remédio? Era chegada a hora de Maria, e não era chegada a hora de Cristo? Sim, que Maria é luz, e Cristo é sol, e a hora do sol sempre vem depois da hora da luz: *Nondum venit hora mea*. Ainda não era vinda a hora do sol, e a hora da luz já tinha chegado. Por isso disse Cristo à sua mãe com grande energia: *Quid mihi et tibi?* Como se dissera: Reparai Senhora na diferença que há de mim a vós na matéria de socorrer aos homens, como agora quereis que eu faça. Vós os socorreis, e eu os socorro; vós lhes acudis, e eu lhes acudo; vós os remediais, e eu os remedeio, mas vós primeiro, e eu depois; vós logo, e eu mais devagar; vós na vossa hora, que é antes da minha, e eu na minha, que é depois da vossa: *Nondum venit hora mea*. É aquela gloriosa diferença que Santo Anselmo se atreveu a dizer uma vez, e todos depois dele a repetiram tantas: *Velocior nonnunquam salus memorato nomine Mariae quam invocato nomine Jesus*: Que algumas vezes é mais apressado o remédio, nomeado o nome de Maria que invocado o de Jesus.- Algumas vezes, disse o santo, e quisera eu que dissera sempre, ou quase sempre. Vede se tenho razão. Todos os caminhos de Cristo e os de Maria foram para remédio do homem; mas tenho eu notado que são mui diferentes as carroças que este Rei e Rainha do céu escolheram para correr à posta em nosso remédio. Cristo escolheu por carroça o sol, e Maria escolheu a luz. O primeiro viu-o David: *In sole possuit tabernaculum suum*¹². O segundo viu-o S. João: *Et luna sub pedibus ejus*¹³. Cá nas côrtes da terra vemos o rei e a rainha, quando saem, passearem juntos na mesma carroça; o Rei e a Rainha do céu, por que o não fariam assim? Por que razão não aparece a Rainha do céu na mesma carroça do sol, como seu Filho? Por que divide carroça e escolheu para si a da lua? Eu o direi. A lua é muito mais ligeira que o sol em correr o mundo. O sol corre o mundo pelos signos do zodíaco em um ano; a lua em menos de trinta dias. O sol corre o mundo em um ano, uma só vez; a lua doze vezes, e ainda lhe sobejam dias e horas. E como as manchadas pias que rodam a carroça da lua são muito mais ligeiras que os cavalos fogosos que tiram pelo carro do sol, por isso Cristo aparece no carro do sol, e Maria no da lua. Não é consideração minha, senão verdade profética, confirmada com o testemunho de uma e outra visão, e com os efeitos de ambas. Tomou Cristo para si o carro do sol, e que se seguiu? *Exultavit ut gigas ad currendam viam*, diz David (Sl 18, 6): Largou o sol as rédeas ao carro e correu Cristo com passos de gigante. – Tomou Maria para si a carroça da lua, e que se seguiu? *Datae sunt mulieri alae duae aquilae magnae, ut volaret*, diz S. João (Apc 12, 14): Estando

¹² No sol pôs o seu tabernáculo (Sl 18, 6).

¹³ Tinha a lua debaixo dos pés (Apc 12, 1).

com a lua debaixo dos pés, deram-se a Maria duas asas de águia, para que voasse. – De sorte que Cristo no carro do sol corre com passos de gigante, e Maria na carroça da lua voa com asas de águia. E quanto vai das águias aos gigantes, e das asas aos pés, e do voar ao correr, tanto excede a ligeireza velocíssima com que nos socorre Maria à presteza, posto que grande, com que nos socorre Cristo. Não vos acode primeiro nas vossas causas o advogado que o juiz? Pois Cristo é o juiz, e Maria a advogada.

Mas não deixemos passar sem ponderação aquela advertência do evangelista: *Aquilae magnae*. Que as asas com que viu a Senhora, não só eram de águia, senão de águia grande. De maneira que Cristo, para correr em nosso remédio com passos mais que de homem, tomou pés de gigante: *Exultavit ut gigas*; e a Senhora, para correr em nosso remédio com passos mais que de gigante tomou asas de águia: *Datae sunt mulieri alae duae aquilae*. Mas essas asas não foram de qualquer águia, senão de águia grande: *Aquilae magnae*, para que a competência ou a vantagem fosse de gigante a gigante. Que coisa é uma águia grande, senão um gigante das aves? Cristo correndo como gigante, mas como gigante dos homens; a Senhora correndo como gigante, mas como gigante das aves. Cristo, como gigante com pés, a Senhora como gigante com asas. Cristo como gigante que corre, a Senhora como gigante que vôa. Cristo como gigante da terra, a Senhora como gigante do ar. Mas assim havia de ser para fazer a Senhora em nosso remédio os encarecimentos verdades. O maior encarecimento de acudir com a maior presteza, é acudir pelo ar. Assim o faz a piedosa Virgem. Cristo com passos de gigante acode aos homens a toda a pressa, mas a Senhora com asas de águia acode-lhes pelo ar. Isto mesmo é ser luz, que pelo ar nos vem toda.

E para que de uma vez vejamos a diferença com que esta soberana luz é avantajada ao divino sol na diligência de acudir a nosso remédio, consideremo-los juntos e comparemo-los divididos. E que acharemos? Coisa maravilhosa! Acharemos que quando o nosso remédio mais se apressa, é por diligência da luz, e quando alguma vez se dilata, é por tardanças do sol. Veste-se de carne o Verbo nas entranhas da Virgem Maria, e diz o evangelista, que logo, com muita pressa se partiu a Senhora com seu Filho, a livrar o menino Baptista do pecado original: *Exurgens autem Maria abiit in montana cum festinatione* (Lc 1, 39). Nasce enfim Cristo, cresce, vive, morre, ressuscita, e do mesmo dia da Encarnação a trinta e quatro anos institui o sacramento do Baptismo: *Baptizantes eos in nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti* (Mt 28. 19). O baptismo já sabeis que é o remédio do pecado original, que foi o que Cristo principalmente veio remediar ao mundo, como restaurador das ruínas de Adão. Pois se Cristo veio ao mundo principalmente a remediar o pecado original, e se em chegando ao mundo o foi remediar logo no menino Baptista, como agora dilata tantos anos o remédio do mesmo pecado? Então parte no mesmo instante, e depois dilata-se tanto tempo? Sim. Porque então estava Cristo dentro em sua Mãe: *Exurgens Maria*; e agora estava fora, e apartado dela. E para remediar os males do género humano é mui diferentemente apressado Cristo em si mesmo, ou Cristo em sua Mãe. Cristo em sua Mãe, obra por ela, e ela como luz obra em instante; Cristo fora de sua Mãe, obra por si mesmo, e ele como sol obra em tempo, e em muito tempo. Vede se mostra a experiência o que eu dizia, que quando o nosso remédio mais se apressa, é por diligências daquela divina luz, e da mesma maneira, quando se dilata, ou quando se perde, bem que por culpa nossa, é com tardanças do sol.

Das dez virgens do Evangelho, com desgraça não imaginada, perderam-se cinco, e posto que a causa de sua perdição foi a sua imprudência, a ocasião que teve essa causa foi a tardança dos desposados. Se os desposados não tardaram até a meia-noite, não se apagaram as lâmpadas, e se as lâmpadas se não apagaram, não ficaram excluídas as cinco virgens. Agora pergunto. E qual dos desposados foi o que tardou? O esposo nesta

parábola é Cristo; a esposa é Maria. Qual foi logo dos dois o que tardou, se acaso não foram ambos? Foi o esposo ou a esposa? Foi Cristo ou sua Mãe? Não é necessário que busquemos a resposta nos comentadores: o mesmo texto o diz: *Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes, et dormierunt* (Mt 25, 5) . E como tardasse o esposo, adormeceram todas e dormiram.- De modo que o que tardou foi o esposo. É verdade que o esposo e a esposa estavam juntos, mas o que tardou, ou o que foi causa da tardança, não foi a esposa, senão o esposo: *Moram autem faciente sponso*. Atemos agora esta desgraça das virgens com a ventura do Baptista. No Baptista conseguiu-se o remédio por diligências: mas cujas foram as diligências? Estavam juntos Maria e Cristo, mas as diligências foram de Maria: *Exurgens Maria abiit in montana cum festinatione*. Nas virgens perdeu-se o remédio, como sempre se perde, por tardanças; mas cujas foram as tardanças? Estavam juntos o esposo e a esposa, mas a tardança foi do esposo: *Moram autem faciente sponso*. O divino esposo de nossas almas, é certo que nunca falta nem tarda; nós somos os que lhe faltamos e lhe tardamos. As suas diligências e as de sua Santíssima Mãe, todas nascem da mesma fonte, que é o excessivo amor de nosso remédio; mas é a Senhora por mais agradar e mais se conformar com o desejo do mesmo Cristo, tão solícita, tão cuidadosa, tão diligente em acudir, em socorrer, em remediar aos homens, que talvez, como aconteceu neste caso, as diligências de seu Filho, comparadas com as suas, parecem tardanças. Tudo é ser ele sol e ela luz. O sol nunca tarda, ainda quando sai mais tarde, porque quem vem a seu tempo não tarda. Assim o disse o profeta Habacuc falando à letra, não de outrem, senão do mesmo Cristo: *Simoram fecerit, expecta illum, quia veniens veniet, et non tardabit*: Se tarda, esperai por ele, porque virá sem dúvida, e não tardará (Hab 2, 3). – Como não tardará, se já tem tardado e ainda está tardando: *Si moram fecerit, non tardabit?* São tardanças de sol, que ainda quando parece que tarda, não tarda, porque vem quando deve vir. Mas esse mesmo sol que, regulado com suas obrigações, nunca tarda, comparado com as diligências da luz, nunca deixa de tardar. Sempre a luz vem diante, sempre a luz sai primeiro, sempre a luz madruga e se antecipa ao sol.

Ó divina luz Maria, ditoso aquele que merecer os lumes de vosso favor! Ditoso aquele que entrar no número dos vossos favorecidos, ou dos vossos alumiados! Tendo-vos de uma parte a vós e da outra a vosso Filho, dizia aquele grande servo e amante de ambos: *Positus in medio, quo me vertam? Nescio*: Posto em meio dos dois, não sabe Agostinho para que parte se há de voltar. – E quando Agostinho confessa que não sabe, sofrível é em qualquer homem, qualquer ignorância. *Ut minus sapiens dico*: como ignorante digo: Virgem Santíssima, perdoe-me vosso Filho, ou não me perdoe, que eu me quero voltar a vós. Já ele alguma hora deixou a seu Pai por sua Mãe; não estranhará que eu faça o mesmo. Tenha a prerrogativa de Esaú quem quiser, que eu quero antes a dita de Jacob. Esaú era mais amado e mais favorecido de seu pai; Jacob era mais favorecido e mais amado de sua Mãe; mas a bênção levou-a Jacob, E por que levou Jacob a bênção? Pelo que temos dito até agora: porque as diligências da Mãe foram mais apressadas que as do pai. *Quomodo tam cito invenire potuisti, fili mi?* Como pudeste achar tão cedo, disse Isac, o que eu mandei prevenir para lançar a bênção ao meu primogénito (Gén 27, 20)? - E que respondeu Jacob? Sendo que tudo tinham sido prevenções e diligências de sua Mãe, respondeu que fora vontade de Deus: *Voluntas Dei fuit* (ibid). E assim é. A mãe de Jacob representava neste passo a Mãe Santíssima, e quem tem de sua parte as diligências desta mãe, sempre tem de sua parte a vontade de Deus. Esaú teve de sua parte as diligências do pai, mas quando chegou, chegou tarde, porque por mais diligências que faça o sol, sempre as da luz chegam mais cedo: *Quomodo tam cito?* As diligências da mãe já tinham chegado, e as do pai ainda haviam

de chegar. Assim como hoje: a luz já tem nascido, e o sol ainda há de nascer. *De qua natus est Jesus.*

VII

Admoestação final. Santo Tomás, pela luz mede a perfeição das coisas. São Tiago e os dons de Deus, pai dos lumes. Oração.

Ora, cristãos, suposto que aquela soberana luz é tão apressada e diligente para nosso remédio, suposto que é tão universal para todos e para tudo, suposto que é tão piedosa e benigna para nos querer fazer bem, suposto que é tão privilegiada e favorecida por graça e benignidade do mesmo sol, metamo-nos todos hoje debaixo das asas desta soberana protectora para que nos faça sombra e nos dê luz, para que nos faça sombra e nos defenda dos raios do Sol de justiça, que tão merecidos temos por nossos pecados, e para que nos dê luz para sair deles, pois é Senhora da Luz. Aquela mulher prodigiosa do Apocalipse, que S. João viu com as asas estendidas, toda a Igreja reconhece que era a Virgem Maria. E nós podemos acrescentar que era a Virgem debaixo do nome e invocação de Senhora da Luz. A mesma luz o dizia e o mostrava, que da peanha até a coroa toda era luzes: a peanha lua, o vestido sol, a coroa estrelas; toda luzes e toda luz. E pois a Senhora da Luz está com as asas abertas; metamo-nos debaixo delas, e muito dentro delas, para que sejamos filhos da luz. *Dum lucem habetis, credite in lucem ut filii lucis sitis*, diz Cristo (Jo 12, 36). Enquanto se vos oferece a luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz. Sabeis, cristãos, por que não acabamos de ser filhos da luz? É porque não acabamos de crer na luz. Creiamos na luz, e creiamos que não há maior bem no mundo que a luz, e ajudem-nos a esta fé os nossos mesmos sentidos.

Por que estimam os homens o ouro e a prata, mais que os outros metais? Porque têm alguma coisa de luz. Por que estimam os diamantes e as pedras preciosas mais que as outras pedras? Por que têm alguma coisa de luz. Por que estimam mais as sedas que as lãs? Por que têm alguma coisa de luz. Pela luz avaliam os homens a estimação das coisas, e avaliam bem, porque quanto mais têm de luz, mais têm de perfeição. Vede o que notou Santo Tomás: Neste mundo visível, umas coisas são imperfeitas, outras perfeitas, outras perfeitíssimas; e nota ele com subtileza e advertência angélica, que as perfeitíssimas têm luz, e dão luz; as perfeitas não têm luz mas recebem luz; as imperfeitas nem têm luz, nem a recebem. Os planetas, as estrelas e o elemento do fogo, que são criaturas sublimes e perfeitíssimas, têm luz e dão luz; o elemento do ar e o da água, que são criaturas diáfanas e perfeitas, não têm luz mas recebem luz; a terra e todos os corpos terrestres, que são criaturas imperfeitas e grosseiras, nem têm luz, nem recebem luz, antes a rebatem e deitam de si. Ora, não sejamos terrestres, já que Deus nos deu uma alma celestial; recebamos a luz, amemos a luz, busquemos a luz, e conheçamos que nem temos, nem podemos, nem Deus nos pode dar bem nenhum que seja verdadeiro bem, sem luz. Ouvei umas palavras admiráveis do apóstolo S. Tiago na sua epístola:

Omne datum optimum, et omne donum perfectum de sursum est, descendens a Patre luminum (Tg 1, 17): Toda dádiva boa, e todo dom perfeito descende do Pai dos lumes. Notável dizer! De maneira que quando Deus nos dá um bem que seja verdadeiramente bom, quando Deus nos dá um bem que seja verdadeiramente perfeito, não se chama Deus pai de misericórdias, nem fonte das liberalidades: chama-se pai dos lumes e fonte da luz, porque no lume e na luz, que Deus nos dá com os bens, consiste a bondade e a perfeição deles. Muitos dos que nós chamamos bens de Deus, sem luz são verdadeiramente males, e muitos dos que nós chamamos males, com luz são

verdadeiros bens. Os favores sem luz são castigos, e os castigos com luz são favores; as felicidades sem luz são desgraças, e as desgraças com luz são felicidades; as riquezas sem luz são pobreza, e a pobreza com luz são as maiores riquezas; a saúde sem luz é doença, e a doença com luz é saúde. Enfim na luz ou falta de luz consiste todo o bem ou mal desta vida, e todo o da outra. Por que cuidais que foram santos os santos, senão porque tiveram a luz que a nós nos falta? Eles desprezaram o que nós estimamos, eles fugiram do que nós buscamos, eles meteram debaixo dos pés o que nós trazemos sobre a cabeça, porque viam as coisas com diferente luz do que nós as vemos. Por isso David em todos os salmos, por isso os profetas em todas suas orações, e a Igreja nas suas, não cessam de pedir a Deus luz e mais luz.

Esse é o dia, cristãos, de despachar estas petições. Peçamos hoje luz para nossas trevas, peçamos luz para nossas escuridades, peçamos luz para nossas cegueiras, luz com que conheçamos a Deus, luz com que conheçamos o mundo, e luz com que nos conheçamos a nós. Abramos as portas à luz para que alumie nossas casas; abramos os olhos à luz, para que alumie nossos corações; abramos os corações à luz, para que more perpetuamente neles. Venhamos, venhamos a buscar luz a esta fonte de luz, e levemos daqui cheias de luz nossas almas. Com esta luz saberemos por onde havemos de ir ; com esta luz conheceremos donde nos havemos de guardar; com esta luz, enfim, chegaremos àquela luz onde mora Deus, a que o apóstolo chamou luz inacessível: *Qui lucem inhabitat inaccessibilem* (1 Tim 6, 16), que só por meio da luz que hoje nasce, se pode chegar à vista do sol que dela nasceu: *De qua natus est Jesus*.

Obra digitalizada e revista por José Machado. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, Novembro de 2001

<http://www.ipn.pt/literatura>
